



IRMANDADE DA ADAGA NEGRA  
SÉRIE COM MAIS DE 15 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO

J.R.  
WARD

O  
SALVADOR

UNIVERSO DOS LIVROS

O SALVADOR

# O SALVADOR

J.R.  
WARD

São Paulo  
2019

Grupo Editorial  
**UNIVERSO DOS LIVROS**



<https://t.me/SBDLivros>

*The savior*

**Copyright © 2019 by Love Conquers All, Inc.**

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma.

**© 2019 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial  
**Luis Matos**

Gerente editorial  
**Marcia Batista**

Assistentes editoriais  
**Letícia Nakamura**  
**Raquel F. Abranches**

Tradução  
**Cristina Calderini Tognelli**

Preparação  
**Nilce Xavier**

Revisão  
**Juliana Gregolin**  
**Nestor Turano Jr.**

Arte e adaptação de capa  
**Valdinei Gomes**

Diagramação  
**Aline Maria**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

**W259s**

Ward, J. R.

O salvador / J. R. Ward; [tradução de Cristina Tognelli]. — São Paulo : Universo dos Livros, 2019.

528 p. (Irmandade da Adaga Negra ; v. 17)

ISBN: 978-85-503-0459-5

Título original: *The savior*

1. Vampiros 2. Ficção norte-americana 3. Literatura erótica I. Título II. Tognelli, Cristina  
III. Série

19-1707

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

*Dedicado a você.  
Estamos de volta, você e eu.  
É maravilhoso estar em casa.*

## GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS

**Ahstrux nohtrum:** Guarda particular com licença para matar, nomeado(a) pelo Rei.

**Ahvenge:** Cometer um ato de retribuição mortal, geralmente realizado por um macho amado.

**As Escolhidas:** Vampiras criadas para servir à Virgem Escriba. No passado eram voltadas mais para as coisas espirituais do que para as temporais, mas isso mudou com a ascensão do último Primale, que as libertou do Santuário. Com a renúncia da Virgem Escriba, elas estão completamente autônomas, aprendendo a viver na Terra. Continuam a atender às necessidades de sangue dos membros não vinculados da Irmandade, bem como a dos Irmãos que não podem se alimentar das suas *shellans*.

**Chrih:** Símbolo de morte honrosa no Antigo Idioma.

**Cio:** Período fértil das vampiras. Em geral, dura dois dias e é acompanhado por intenso desejo sexual. Ocorre pela primeira vez aproximadamente cinco anos após a transição da fêmea e, a partir daí, uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em certa medida se estiverem por perto de uma fêmea no cio. Pode ser uma época perigosa, com conflitos e lutas entre os machos, especialmente se a fêmea não tiver companheiro.

**Conthendha:** Conflito entre dois machos que competem pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

**Dhunhd:** Inferno.

**Doggen:** Membro da classe servil no mundo dos vampiros. Os *doggens* seguem as antigas e conservadoras tradições de servir seus superiores, obedecendo a códigos formais no comportamento e no vestir. Podem sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. Sua expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

**Ehnclausuramento:** Status conferido pelo Rei a uma fêmea da aristocracia em resposta a uma petição de seus familiares. Subjuga uma fêmea à autoridade de um responsável único, o *tuhtor*, geralmente o macho mais velho da casa. Seu *tuhtor*, então, tem o direito legal de determinar todos os aspectos de sua vida, restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer interação dela com o mundo.

**Ehros:** Uma Escolhida treinada em artes sexuais.

**Escravo de sangue:** Vampiro macho ou fêmea que foi subjugado para satisfazer a necessidade de sangue de outros vampiros. A prática de manter escravos de sangue recentemente foi proscrita.

**Exhile dhoble:** O gêmeo mau ou maldito, o segundo a nascer.

**Fade:** Reino atemporal onde os mortos reúnem-se com seus entes queridos e ali passam toda a eternidade.

**Ghia:** Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

**Glymera:** A nata da aristocracia, equivalente à Corte no período de Regência na Inglaterra.

**Hellren:** Vampiro macho que tem uma companheira. Os machos podem ter mais de uma fêmea.

**Hyslop:** Termo que se refere a um lapso de julgamento, tipicamente resultando no comprometimento das operações mecânicas ou da posse legal de um veículo ou transporte

motorizado de qualquer tipo. Por exemplo, deixar as chaves no contato de um carro estacionado do lado de fora da casa da família durante a noite – resultando no roubo do carro.

**Inthocada:** Uma virgem.

**Irmandade da Adaga Negra:** Guerreiros vampiros altamente treinados para proteger sua espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de cruzamentos seletivos dentro da raça, os membros da Irmandade possuem imensa força física e mental, assim como a capacidade de se recuperar rapidamente de ferimentos. Não é constituída majoritariamente por irmãos de sangue e são iniciados na Irmandade por indicação de seus membros. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, são tema para lendas e reverenciados no mundo dos vampiros. Só podem ser mortos por ferimentos muito graves, como tiros ou uma punhalada no coração.

**Leelan:** Termo carinhoso que pode ser traduzido aproximadamente como “muito amada”.

**Lhenihan:** Fera mítica reconhecida por suas proezas sexuais. Atualmente, refere-se a um macho de tamanho sobrenatural e alto vigor sexual.

**Lewlhen:** Presente.

**Lheage:** Um termo respeitoso utilizado por uma submissa sexual para referir-se a seu dominante.

**Libhertador:** Salvador.

**Lídher:** Pessoa com poder e influência.

**Lys:** Instrumento de tortura usado para remover os olhos.

**Mahmen:** Mãe. Usado como um termo identificador e de afeto.

**Mhis:** O disfarce de um determinado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

**Nalla/nallum:** Termo carinhoso que significa “amada”/“amado”.

**Ômega:** Figura mística e maligna que almeja a extinção dos vampiros devido a um ressentimento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes, dentre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade de criar.

**Perdição:** Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. Pode ser interna, como um vício, ou externa, como uma paixão.

**Primeira Família:** O Rei e a Rainha dos vampiros e sua descendência.

**Princeps:** O nível mais elevado da aristocracia dos vampiros, só suplantado pelos membros da Primeira Família ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O título é hereditário e não pode ser outorgado.

**Redutor:** Membro da Sociedade Redutora, é um humano sem alma empenhado na exterminação dos vampiros. Os *redutores* só morrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem eternamente, sem envelhecer. Não comem nem bebem e são impotentes. Com o tempo, seus cabelos, pele e íris perdem toda a pigmentação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na Sociedade por Ômega, conservam uma urna de cerâmica, na qual seu coração foi depositado após ter sido removido.

**Ríngido:** Termo que se refere à potência do órgão sexual masculino. A tradução literal seria algo aproximado de “digno de penetrar uma fêmea”.

**Rytho:** Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta desprotegido perante ele.

**Shellan:** Vampira que tem um companheiro. Em geral, as fêmeas não têm mais de um macho devido à natureza fortemente territorial deles.

**Sociedade Redutora:** Ordem de assassinos constituída por Ômega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

**Symphato:** Espécie dentro da raça vampírica, caracterizada por capacidade e desejo de

manipular emoções nos outros (com o propósito de trocar energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, foram discriminados e, em certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão quase extintos.

**Transição:** Momento crítico na vida dos vampiros, quando ele ou ela transforma-se em adulto. A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia. Geralmente, ocorre por volta dos 25 anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, sobretudo os machos. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes para o sexo, e incapazes de se desmaterializar.

**Trahyner:** Termo usado entre machos em sinal de respeito e afeição. Pode ser traduzido como “querido amigo”.

**Tuhtor:** Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtors*, sendo o mais poderoso aquele responsável por uma fêmea *ehnclausurada*.

**Tumba:** Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Usada como local de cerimônias e como depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerimônias ali realizadas estão iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. O acesso a ela é vedado, exceto aos membros da Irmandade, à Virgem Escriba e aos candidatos à iniciação.

**Vampiro:** Membro de uma espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vampiros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, mas sua força não dura muito tempo. Após sua transição, que geralmente ocorre aos 25 anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem alimentar-se na veia regularmente. Os vampiros não podem “converter” os humanos por meio de uma mordida ou transferência de sangue, embora, ainda que raramente, sejam capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desmaterializar por meio da vontade, mas precisam estar calmos e concentrados para consegui-lo, e não podem levar nada pesado consigo. São capazes de apagar as lembranças das pessoas, desde que recentes. Alguns vampiros são capazes de ler a mente. Sua expectativa de vida ultrapassa os mil anos, sendo que, em certos casos, vai bem além disso.

**Viajantes:** Indivíduos que morreram e voltaram vivos do Fade. Inspiram grande respeito e são reverenciados por suas façanhas.

**Virgem Escriba:** Força mística que anteriormente foi conselheira do Rei, bem como guardiã dos registros vampíricos e distribuidora de privilégios. Existia em um reino atemporal e possuía grandes poderes, mas recentemente renunciou ao seu posto em favor de outro. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

# CAPÍTULO 1

*Eliahu Rathboone House  
Sharing Cross, Carolina do Sul*

– VOU MATÁ-LO, É ISSO O QUE VOU FAZER.

Rick Springfield – não, não o cantor, e os pais dele poderiam ter se saído melhor nisso, não? – se levantou da cama queen-size e enrolou a *Vanity Fair* daquele mês, transformando-a numa arma. Que bom que a internet vinha roubando todos os anúncios e as revistas diminuía em tamanho porque ele conseguiu fazer um rolo firme com as páginas anêmicas.

– Não podemos só abrir a janela e deixar o morcego sair?

A sugestão foi dada pela “Jessie’s Girl” que ele queria impressionar – seu nome era Amy Hongkao – e, até ali, o fim de semana fora bom. Saíram do trabalho mais cedo, deixaram a Filadélfia na sexta ao meio-dia e o trânsito não fora ruim. Chegaram à pousada Eliahu Rathboone lá pelas oito, largaram-se na cama sobre a qual ele agora tentava se equilibrar e fizeram sexo três vezes na manhã seguinte.

Agora era domingo à noite e eles iriam embora no início da tarde seguinte, esquivando-se de quaisquer tempestades de neve que encontrassem pela costa...

O morcego veio na direção de sua cabeça, voando como uma mariposa, confuso com o plano de voo de um bêbado. Resgatando lembranças de seus tempos da liga júnior de beisebol, Rick se posicionou, levou o bastão de *Vanity Fair* para trás e deu uma bela tacada.

O maldito morcego desviou, mas os braços continuaram o movimento, com muito direcionamento, mas agora sem um alvo, resultando em um capote digno do Guia das Concussões.

– Rick!

Amy o agarrou pela coxa, e ele lançou a mão tentando alcançar a primeira coisa firme em sua proximidade – a cabeça dela. Quando os cabelos dela se enroscaram na palma suada, houve uma imprecação. Tanto dele quanto dela.

O morcego voltou e fez um rasante sobre eles, ao melhor estilo “estão gostando de mim agora, seus babacas?”. E, num acesso de masculinidade, Rick soltou um grito agudo, se retraiu e derrubou um abajur. Os dois ficaram quase sem luz no quarto quando o homem caiu no chão, com somente o brilho na parte de baixo da porta lhes oferecendo algum tipo de referência para as retinas.

Pense em alguém caindo rápido na cama. Rick se estatelou no colchão como uma colcha, caindo achatado e arrastando Amy consigo. Nos braços um do outro, eles arfavam, apesar de não haver nada de romântico no contato.

Não mesmo. Aquele era um exercício aeróbico das antigas, dos tempos da música “I Will Survive”.

– Deve ter entrado pela chaminé e saído pela lareira – ele disse. – Eles não transmitem raiva?

Acima, o carrasco do quarto 214 dava voltas no que Rick queria que fosse um pé-direito de

três mil metros de altura. Todo aquele estardalhaço de asas batendo e de guinchos era surpreendentemente agourento, considerando-se que o maldito animal não devia pesar mais do que uma fatia de pão. A escuridão, no entanto, acrescentava uma ameaça primordial de morte. E ainda que seu lado másculo quisesse resolver o problema e ser um herói – para ficar bem aos olhos da mulher que começava a namorar –, o medo exigia que ele delegasse essa catástrofe.

Antes que o primeiro fim de semana que passavam juntos se transformasse numa história viral sobre os cuidados necessários em relação a morcegos ou numa sequência de catorze vacinas.

– Isso é ridículo! – Ele sentiu o hálito de Colgate de menta de Amy bem próximo ao seu rosto, e o corpo dela contra o seu era uma delícia apesar de estarem numa situação complicada. – Vamos correr para a porta e descer até a recepção. Esta não deve ser a primeira vez que isso acontece e também não chega a ser um Drácula...

A porta se abriu.

Sem nenhuma batida. Sem nenhum barulho das dobradiças. Sem nenhuma indicação clara de como se abriu, já que não havia ninguém do outro lado.

A luz do corredor foi como uma boia de segurança para um afogado, mas a sensação de alívio durou pouco. Um contorno se formou do nada, bloqueando a luz. Num momento não havia nada entre os batentes e, no seguinte, a silhueta enorme de um homem com cabelos compridos apareceu; os ombros largos como os de um boxeador peso-pesado; os braços, longos e musculosos; as pernas firmes como vigas de aço. Com a luz vindo por trás, não dava para enxergar o rosto dele, e Rick se sentiu grato por isso.

Porque tudo a respeito da aparição, do tamanho e do cheiro no ar – perfume, mas nada fabricado, nada vindo de um frasco – sugeria que aquilo era um sonho.

Ou um pesadelo.

A figura levou a mão à boca – ou pareceu fazer isso. Será que estava retirando uma adaga de alguma bainha no peito? Houve uma pausa. Logo depois, ele estendeu o indicador.

Contra todas as probabilidades e lógica, o morcego foi na direção dele como se tivesse sido chamado por seu mestre; e, quando a criatura alada pousou como um pássaro, uma voz grave e profunda, com um sotaque diferente, entrou na mente de Rick como se forçada em seu crânio não pelos ouvidos, mas pelo lobo frontal.

*Não gosto de criaturas sendo mortas em minha propriedade, e ele é mais bem-vindo do que vocês.*

Algo caiu daquele dedo. Algo vermelho e assustador. Sangue.

A figura desapareceu do mesmo modo como surgira, com a velocidade abrupta de um coração em pânico. E quando a luz do corredor já não estava mais obstruída pela figura, a acolhedora iluminação amarelada tirou o quarto da escuridão, revelando o desenho do tapete, as malas abertas e bagunçadas e a cômoda antiga que Amy tanto admirara assim que chegaram.

Tão normal, tão comum.

A não ser pela porta que se fechou sozinha.

Como se alguém tivesse ordenado que voltasse ao seu lugar.

– Rick? – Amy o chamou numa voz fraca. – O que foi isso? Eu sonhei?

Acima, passos, pesados e lentos, atravessaram as tábuas do piso do sótão, que deveria estar vazio.

Ocorreu-lhe outra lembrança de infância, e não do parque da cidade, tampouco da Liga Juvenil com o uniforme listrado de mini-Yankees que ele usara com orgulho. Era da casa de fazenda da avó, com os degraus que rangiam, e o corredor do segundo andar que arrepiava os pelos de sua nuca, e... o quarto dos fundos, no qual uma menina morrera de tuberculose.

Respiração chiada. Difícil. Choros sussurrados.

Toda noite, acordava com esses sons. Sempre às 2h39. E, toda vez, embora fosse despertado pelos arquejos fantasmagóricos, embora o esforço para respirar estivesse em seus ouvidos e em sua mente, ele tinha ciência, ao se sentar num rompante, apenas de um silêncio absoluto, denso, escuro, que consumia os ecos do passado e ameaçava engoli-lo também com seu repuxão gravitacional, sem deixar traços de sua versão jovem para trás, apenas um espaço vazio e aquecido na cama de solteiro onde seu corpo antes repousara.

Rick sempre soube, com a certeza de uma criança que se auto-preservava, que aquele silêncio, aquela tranquilidade horrível, era o momento da morte para o fantasma da garotinha, o ápice de um ciclo infundável e tortuoso que ela revivia todas as noites no momento preciso em que desencarnara, em que a vontade perdera a batalha quando suas funções vitais deixaram de funcionar, a passagem lenta para o túmulo concluída, o fim chegando sem nem mesmo um suspiro, mas com a terrível ausência de som, ausência de vida.

Era assustador para o garoto de nove anos que ele fora.

Jamais imaginara sentir algo semelhante a essa confusão e esse terror agora que era adulto. Mas a vida tinha seu próprio jeito de entregar bagagens que ataçavam os endereços emocionais, e não havia como recusar esse serviço, não havia como não aceitar e dispensar a entrega.

O passado era permanente do mesmo modo que o futuro era apenas uma hipótese: duas pontas de um espectro onde um era concreto, e o outro, apenas ar, e o agora instantâneo, o único momento real, era o ponto fixo no qual o peso da vida pendia e oscilava.

– Foi um sonho? – Amy perguntou de novo.

Quando reencontrou sua voz, Rick sussurrou:

– Prefiro não ter certeza.

No sótão da velha mansão, Murhder retomou sua forma e andou até uma das vigas. Como vampiro, imaginou que o resgate que fizera do morcego, que lambia o sangue em seu indicador, incapaz de compreender a extensão da salvação que acabara de lhe ser concedida, poderia ser considerada cortesia profissional.

Desde que seguissem a mitologia humana.

Na realidade, não havia muito em comum. Vampiros necessitavam do sangue de um membro do sexo oposto para atingirem sua força máxima e boa saúde – uma nutrição que há anos ele não tinha, e uma necessidade que fora forçado a atender em fontes menores. A maioria dos morcegos, por sua vez, vivia à base de insetos, ainda que, evidentemente, exceções fossem feitas como no caso do que era oferecido no momento ao atual mamífero. As duas espécies eram tão diferentes quanto cães e gatos, embora os *Homo sapiens* as unissem em todo tipo de livros, filmes, tv e coisas afins.

Abrindo metade da janela em formato de arco, esticou o braço e soltou o morcego; a criatura saiu batendo asas na noite, cruzando a lua que brilhava alto no céu.

Quando comprara a pousada Eliahu Rathboone de seu proprietário original, cerca de um século e meio antes, tinha a intenção de viver ali sozinho em sua velhice. Mas não foi assim que tudo se desenrolou. Vinte anos antes, como resultado de seu colapso nervoso, esteve no auge da vida, ainda que à beira da loucura, fatigado e ensandecido, pronto para vagar pelos cômodos vazios na esperança de que sua mente seguisse o exemplo e deixasse para trás as imagens arrasadoras que tomavam conta do seu banco de memórias.

Não teve tanta sorte, no que se referia à solidão, pelo menos. A casa viera com uma equipe que precisava de emprego, e com hóspedes que retornavam todos os anos querendo os mesmos quartos para comemorar aniversários, e reservas para casamentos que haviam sido feitas com

meses de antecedência.

Em sua encarnação pregressa, já teria mandado tudo ao inferno. Entretanto, depois do que aconteceu, ele já não sabia mais quem era. Sua personalidade, seu caráter, sua alma passaram por um teste de fogo e foram reprovados. Como resultado, sua superestrutura entrou em colapso, sua construção desabou; sua formação de caráter, outrora forte e resoluto, transformou-se em escombros.

Com isso, permitiu que os humanos continuassem vindo para trabalhar e dormir e comer e discutir e fazer amor e viver ao seu redor. Foi o tipo de manobra que só alguém perdido no mundo faria, uma súplica pouco característica e desesperada, um possível “isso me manterá no planeta” de uma pessoa por quem a gravidade já não se interessava.

Santa Virgem Escriba, ser louco era uma leveza terrível. Sentir-se como um balão preso a um fio, sem chão sob seus pés, apenas uma fina amarra prendendo-o à realidade da qual, um dia, se libertaria.

Fechou a janela e caminhou até a mesa de cavalete na qual passava tantas de suas horas. Não havia nenhum computador sobre a superfície lascada, nenhum telefone nem celular, nenhum iPad, nenhuma tv de tela plana. Apenas um candelabro com uma vela acesa... três cartas... e um envelope da FedEx.

Murhder sentou-se na cadeira antiga de madeira, as pernas protestando com um rangido contra o seu peso.

Enfiando a mão por dentro da camisa preta, pegou seu talismã. Entre o polegar e o indicador, o pedaço de vidro sagrado envolto em faixas de seda preta era um *komboskini* muito conhecido. Mas era mais do que somente algo com que ocupar a mão ansiosa.

Ao esticar o cordão comprido de seda, podia ver muito bem o vidro e agora encarava sua face transparente.

Uns trinta anos atrás, ele roubara esse pedaço da bacia reveladora do Templo das Escribas, um ato absolutamente ilegal. Não contara a ninguém. A Irmandade subira ao santuário da Virgem Escriba, onde ficavam as Escolhidas, para defender o local que deveria ser sacrossanto de invasores da espécie. O Primale, o macho que atendia às Escolhidas para a procriação das gerações seguintes dos membros da Irmandade e das Escolhidas, fora assassinado, e o Tesouro, com sua fortuna incalculável, estava sendo saqueado.

Como sempre, o objetivo fora o de adquirir ganhos financeiros de maneira ilegal.

Murhder perseguiu um dos assaltantes até o Templo das Escribas e, no meio da luta que se desenrolou, muitas estações de trabalho, de onde as Escolhidas observavam os acontecimentos na Terra pelas bacias de cristal e os registravam, caíram e se quebraram. Depois que matou o meliante, viu-se em meio à ruína das antigas fileiras de mesas e de cadeiras bem ordenadas e teve vontade de chorar.

O santuário nunca deveria ter sido maculado, e ele rezou para que nenhuma Escolhida tivesse se machucado – ou coisa pior.

Estava prestes a arrastar o corpo para o gramado externo quando algo brilhante chamou sua atenção. O santuário, sendo O Outro Lado, não tinha uma fonte de luz discernível, apenas um brilho em todo o seu céu branco leitoso, portanto ele não tinha muita certeza do que poderia estar brilhando daquela maneira.

E isso voltou a acontecer.

Pisando nos escombros e nas manchas de sangue, parou acima do vidro quebrado. Um pedacinho de oito por oito centímetros, no formato de um losango, mais parecendo um combatente morto num campo de guerra.

O estilhaço voltou a reluzir, um brilho surgindo do nada.

Como se estivesse tentando se comunicar com ele.

Murhder o enfiou no bolso do colete de combate e não voltou a pensar no caco. Até umas três noites mais tarde. Estava verificando suas armas, procurando uma faca da qual sentira falta, e o encontrou.

Foi nessa hora que o vidro sagrado lhe mostrou o rosto de uma fêmea.

Ficou tão chocado com isso que acabou se cortando antes de deixá-lo cair.

Quando voltou a apanhá-lo, seu sangue tornara o retrato vermelho. Mas ela ainda estava ali – e tal visão arrancou um pedaço de seu coração. Ela estava aterrorizada, os olhos tão arregalados e assustados que apenas as órbitas brancas apareciam, a boca estava escancarada, em choque, e a pele, tensa sobre as feições.

Aquela visão o gelou até os ossos e de pronto invadiu seus pesadelos. Seria uma Escolhida ferida durante a invasão ao santuário? Ou alguma outra fêmea, a quem ele ainda podia ajudar?

Anos mais tarde, descobriu de quem se tratava. E fracassar com ela foi o golpe final que custou sua sanidade.

Guardando o caco sagrado de volta dentro da camisa, olhou para o envelope da FedEx. Já assinara os documentos dentro dele, renunciando à herança deixada por um parente do qual lembrava apenas vagamente e passando para algum outro membro da linhagem, também outro do qual se lembrava apenas de maneira tangente.

Wrath, o Rei Cego, exigiu que fossem executadas. E Murhder usou a ordem real como pretexto para conseguir uma audiência.

A questão era as três cartas.

Puxou-as para si, arrastando-as pela madeira polida. A caligrafia nos envelopes fora feita com tinta de verdade, não com aquilo que sai de canetas Bic, e a letra era trêmula, a mão que usara qualquer que fosse o instrumento fora paralisada, com isso, era apenas parcialmente controlada.

*Eliahu Rathboone*

*Eliahu Rathboone House*

*Sharing Cross, Carolina do Sul*

Nenhum endereço. Nenhum código postal. Mas Sharing Cross era uma cidade pequena, e todos, inclusive o chefe dos correios, que também fazia as entregas e era o prefeito da cidade, sabiam onde a pousada se localizava – e estavam cientes de que às vezes as pessoas apreciavam comunicar-se com alguma figura morta da história.

Murhder, na verdade, não era Eliahu Rathboone. Contudo, colocara um antigo retrato seu no átrio de entrada da propriedade para marcá-la como sua e, assim, dera início à falsa identificação. As pessoas “viam” o fantasma de Eliahu Rathboone no terreno e na casa de tempos em tempos e, nessa era moderna, tais relatos sobre uma forma sombria de cabelos compridos impeliram a vinda de caçadores de fantasmas e depois de outros profissionais para conseguirem alguma filmagem.

Alguém até chegou a acrescentar, em algum momento, uma pequena identificação na base da moldura, Eliahu Rathboone, com as datas de nascimento e de morte.

O fato de ele ter apenas uma vaga semelhança com o humano que construíra a casa há séculos não parecia ter importância. Graças à internet, imagens granuladas de desenhos velhos a bico de pena mostrando o verdadeiro Rathboone estavam disponíveis, e, além de ambos terem cabelos compridos e escuros, pouco tinham em comum. No entanto, isso não incomodava as pessoas que queriam acreditar. Elas *sentiam* como se ele fosse o primeiro dono da casa, portanto ele *era* o

primeiro dono da casa.

Os humanos eram grandes defensores do pensamento mágico, e ele não tinha ressalvas em permitir que se ocupassem de suas tolices. Afinal, quem era ele para julgar? Um louco. E depois, isso fazia bem aos negócios.

Quem escreveu a carta, todavia, sabia a verdade. Sabia muitas coisas.

Deviam ter visto a pousada na TV e feito a conexão.

A primeira carta ele desconsiderou. A segunda o incomodou com detalhes que apenas ele sabia. A terceira o fez se decidir a tomar uma atitude, ainda que não soubesse de imediato como proceder. E foi nesse momento que o advogado do Rei chegou com as novidades da herança, e Murhder resolvera que caminho tomar.

No andar de baixo, no patamar da escada principal, o relógio de pêndulo começou a tocar, anunciando que eram nove horas.

Logo seria hora de voltar ao lugar do qual fugira, ver de novo aqueles em quem não gostaria de pousar os olhos nunca mais, reentrar, por um período limitado, na vida que deixara para trás, jurando jamais regressar.

Wrath, o Rei Cego. A Irmandade da Adaga Negra. E a guerra contra a Sociedade Redutora.

Embora essa última não fosse mais problema seu. Na verdade, tampouco os outros dois. Nos augustos e arcaicos anais da Irmandade, ele detinha o título notório de ter sido o único Irmão a ser expulso da irmandade.

Não, Bloodletter também fora expulso. Mas não por ficar louco.

Não existia qualquer cenário em que ele imaginava voltar a se envolver com tais guerreiros ou com o Rei. Todavia, não tinha escolha.

Era o seu destino. O caco sagrado lhe revelara.

Sua fêmea o aguardava para, finalmente, fazer o certo perante ela.

De fato, ele carregava o fardo de muitos erros na vida, muitas ações que causaram dor aos outros, magoando, ferindo ou destruindo. Fora um guerreiro, o assassino de uma causa nobre, mas cuja execução fora sangrenta. O destino, porém, encontrara um modo de fazê-lo assumir suas responsabilidades e, agora, o desejo implacável desse destino mais uma vez o oprimia.

De repente, a imagem de uma fêmea lhe veio à mente, de corpo forte, força de vontade, com cabelos curtos e olhos brilhantes encarando-o com uma franqueza nada absurda.

Não era aquela do vidro.

Com frequência via Xhex em sua mente, tinha visões dela, lembranças dos dois juntos, bem como de tudo o que acontecera depois, o único canal em que sua televisão mental sintonizava. Se estava apreensivo em levar sua mente disfuncional à órbita da Irmandade, encontrar-se com a fêmea em questão com certeza o arruinaria, disso ele tinha bastante certeza. Pelo menos não tinha que se preocupar com a possibilidade de se encontrar por acaso com ela. Sua antiga amante fora uma loba solitária a vida inteira, e esse traço, assim como a cor prateada dos olhos, era tão intrínseco à sua feitura que ele não tinha que se preocupar com ela se reunindo a alguém.

Mas é o que se faz quando se é um *symphato* vivendo em meio aos vampiros. Você deixa essa sua parte do DNA em segredo, mantendo-se tão afastado quanto possível.

Até mesmo dos machos com quem você dorme. Machos que acreditavam conhecê-la. Machos que, estupidamente, foram à colônia dos *symphatos* para libertá-la do cativeiro – só para descobrir que não havia sido sequestrada.

Tinha apenas ido visitar a família de sangue.

Esse gesto nobre de sua parte, enraizado na necessidade de ser um salvador, foi o início do pesadelo de ambos. A decisão de ir atrás dela alterou permanentemente o curso de suas vidas

porque ela escondera sua verdadeira natureza.

E agora... Repercussões adicionais, imprevistas e inegáveis o alcançaram. No entanto, elas poderiam finalmente conduzir a uma resolução que ele podia levar para o túmulo com certa medida de paz.

Murhder espalhou as cartas. Uma, duas, três. Primeira, segunda, terceira.

Não estava à altura da tarefa.

E, no mesmo nível profundo em que sabia que não conseguiria lidar com a peregrinação, também tinha ciência de que seria uma jornada sem volta. Todavia, estava na hora de chegar ao fim. Assim que chegou a essa propriedade, teve certa esperança de que, com o tempo, talvez voltasse a entrar em seu corpo, a habitar sua pele, a restaurar o propósito e conexão com a realidade comum na qual todos os mortais viviam.

Duas décadas era bastante tempo de espera para ver se isso aconteceria e, nesses vinte anos, nada tinha mudado. Estava tão desconectado quanto no dia em que ali chegou. O mínimo que podia fazer era arrancar-se da infelicidade de uma vez por todas, e fazê-lo do jeito certo.

O último ato de uma pessoa devia ser virtuoso. E para a fêmea que o destino lhe provera.

De modo semelhante a deixar um quarto arrumado depois do uso, ele se encarregaria de restaurar a ordem ao caos que, sem querer, desatrelaria antes de deixar o planeta. Depois disso? Nada.

Não acreditava no Fade. Não acreditava em nada.

A não ser no sofrimento, e ele logo chegaria ao fim.

## CAPÍTULO 2

*Ithaca, Nova York*

– BOA NOITE, SENHORA. Sou o Agente Especial Manfred, do FBI. Você é a doutora Watkins?

Sarah Watkins inclinou-se à frente e verificou o distintivo e as credenciais que o homem mostrava. Depois olhou por cima do ombro dele. Na entrada de sua garagem, um carro cinza-escuro de quatro portas estava estacionado atrás do seu.

– Como posso ajudá-lo? – perguntou.

– Então, é a doutora Watkins? – Quando Sarah assentiu, ele sorriu e guardou sua identificação.

– Importa-se caso eu entre por um minuto?

Na rua pacata, passava o Honda Accord do seu vizinho. Eric Rothberg, que morava duas casas adiante, acenou e desacelerou.

Ela retribuiu o aceno para tranquilizá-lo e ele seguiu em frente.

– Do que se trata?

– Do doutor Thomas McCaid. Acredito que a senhora trabalhava com ele na RSK BioMed.

Sarah franziu o cenho.

– Ele era um dos supervisores de laboratório, mas não na minha divisão.

– Posso entrar?

– Sim, claro. – Ao dar passagem para o homem, sintonizou sua anfitriã interna. – Gostaria de beber alguma coisa? Café, talvez?

– Seria ótimo. Vai ser uma noite longa.

A casa tinha três quartos pequenos num terreno pequeno de uma rua tranquila de jovens famílias. Há quatro anos, quando a comprara com o noivo, presumira que em algum momento em breve saltaria no trem da maternidade.

Deveria ter vendido a casa já há algum tempo.

– A cozinha fica por aqui.

– Bela casa, mora aqui sozinha?

– Sim. – Na cozinha branca e cinza, ela indicou um lugar do outro lado da mesa redonda com três cadeiras. – Tenho cápsulas K-Cups. Qual é o seu veneno... Puxa, desculpe. Má escolha de palavras.

O agente Manfred sorriu de novo.

– Sem problemas. É indiferente, contanto que tenha cafeína.

Ele era um daqueles caras calvos de boa aparência, na casa dos quarenta, que começara a perder cabelos e resolvera não se importar com esse padrão pouco aceito de masculinidade. O nariz era como uma pista de esqui torta, como se tivesse sido fraturado algumas vezes, e os olhos eram azul-claros. Suas roupas eram calças folgadas pretas, uma jaqueta corta-vento azul-marinho e uma camisa polo preta com o bordado dourado do FBI no peito. A aliança era daquelas de titânio cinza-chumbo, e sua presença a tranquilizava.

– Então, do que se trata? – Ela abriu o armário. – Quero dizer, sei que o doutor McCaid faleceu na semana passada. Ouvi na BioMed. Houve um anúncio.

– Qual era a reputação dele na empresa?

– Boa. Quero dizer, ele era do alto escalão. Há muito tempo. Mas, repito, eu não o conhecia pessoalmente.

– Ouvi dizer que a BioMed é uma empresa grande. Há quanto tempo trabalha lá?

– Quatro anos. – Ela encheu o reservatório de água da cafeteira. – Compramos esta casa quando nos mudamos para cá e começamos a trabalhar na BioMed.

– Certo, certo. A senhora e o seu noivo. Qual era mesmo o nome dele? Sarah fez uma pausa e colocou a caneca na grade. O agente se recostava na sua cadeira da Pottery Barn junto à mesa Pottery Barn, como se estivesse relaxado. Mas os olhos azuis estavam concentrados nela como se estivessem gravando tudo em sua mente.

Ela desconfiou que ele já sabia as respostas dessas perguntas.

– O nome dele era Gerhard Albrecht – respondeu.

– Ele também era médico. Na BioMed.

– Sim. – Deu-lhe as costas e colocou o sachê K-Cup Misto de Café da Manhã na máquina. Abaixando a alavanca, houve um sibilo seguido pelo líquido vertido na caneca. – Ele era.

– Conheceu-o quando ambos estudavam no MIT.

– Isso mesmo. Nós dois estávamos no programa HST de Harvard/ MIT. – Olhou de relance para o agente. – Pensei que tivesse vindo para falar do doutor McCaid?

– Chegaremos a essa parte. Estou curioso a respeito do seu noivo.

Sarah desejou não ter tentado ser educada ao lhe oferecer o café.

– Não há muito a dizer. Açúcar ou leite?

– Puro está bom. Não preciso retardar a absorção da cafeína.

Quando a cafeteira terminou, ela levou a caneca e se sentou à mesa diante dele. Entrelaçou os dedos pouco à vontade, como se tivesse sido chamada à sala do diretor da escola. Só que esse diretor em questão poderia arranjar todo tipo de acusações; acusações que levavam à cadeia e não à suspensão.

– Então, conte-me a respeito do doutor Albrecht. – Ele sorveu um gole. – Hum, está muito bom.

Sarah baixou o olhar para seu dedo anular. Se tivessem chegado a se casar, ela ainda estaria usando uma aliança, apesar de Gerry já ter morrido há dois anos. Mas não chegaram a realizar o que planejaram por apenas quatro meses, quando ele faleceu naquele mês de janeiro. E quanto a um diamante de noivado, eles pularam essa tradição para ajudar na compra da casa.

Quando teve que ligar para o salão, para a banda e para o serviço de buffet, todos eles lhe devolveram o depósito porque ouviram no noticiário o que havia acontecido. O único item que não foi devolvido integralmente foi o vestido de noiva, mas os funcionários da loja não cobraram a outra metade do custo quando ela foi retirá-lo. Doara o vestido a uma instituição de caridade quando teria sido o primeiro aniversário de casamento deles.

E, ah, também tinha o terno que compraram para Gerry na liquidação da Macy's. Não deu para devolvê-lo e ainda tinha o traje consigo. Ele sempre brincava dizendo que queria ser enterrado com uma camiseta de “Que a Força Esteja com Você”.

Jamais teria imaginado que teria de honrar o pedido tão cedo.

Naquele primeiro ano depois da morte dele, Sarah teve que passar por todas as festas e feriados – o aniversário dele, o dia da morte, e aquele aniversário de casamento inexistente. O calendário fora uma trilha de obstáculos. Ainda era.

- Preciso que seja mais específico – ela se ouviu dizer. – Sobre o que quer saber?
- O doutor Albrecht trabalhava com o doutor McCaid, não?
- Sim. – Ela fechou os olhos. – Ele foi contratado pelo Departamento de Doenças Infecciosas quando se formou. O doutor McCaid era seu supervisor.
- Mas a senhora trabalhava em outro departamento da empresa.
- Isso mesmo. Estou em Terapia de Células e Genética. Sou especialista em imunoterapia para o câncer.

Sempre tivera a impressão de que a BioMed queria apenas Gerry, e que concordaram em contratá-la só porque ele o colocara como condição para a sua contratação. Claro que ele jamais confirmou nada a respeito e, no fim das contas, isso se mostrou irrelevante. Seu trabalho era mais do que consistente, e centros acadêmicos de pesquisa do país inteiro rotineiramente tentavam contratá-la. Por que ficou em Ithaca? Refletiu a respeito nos últimos tempos e concluiu que era porque a BioMed era seu último vínculo com Gerry, a última decisão que tomaram juntos, a miragem que se dissipava do futuro que planejaram ter, felizes, satisfeitos.

Mas que, no fim, não passava disso mesmo.

Nos últimos tempos, começava a sentir que seu processo de luto estava estagnado porque ainda morava nessa casa e trabalhava na BioMed. Mas ainda não sabia o que fazer a respeito da questão.

– Minha mãe morreu de câncer há nove anos.

Sarah se concentrou no agente e tentou se lembrar a que o comentário dele se referia. Ah, sim, certo. Ao seu trabalho.

– Perdi a minha há dezesseis anos. Quando eu tinha treze.

– É por isso que faz o que está fazendo?

– Sim. Na verdade, meus dois pais morreram de câncer. O do meu pai foi pancreático. O de minha mãe, de mama. Portanto, existe um elemento de autopreservação nas minhas pesquisas. Tenho uma carga genética amaldiçoada.

– Passou por muitas perdas. Os pais, o futuro marido.

Ela fitou as unhas roídas. Todas elas mordidas até a base.

– O luto é um rio frio ao qual você acaba se acostumando.

– Ainda assim, a morte do seu noivo deve ter sido muito difícil.

Sarah se inclinou para a frente e fitou o homem nos olhos.

– Agente Manfred, por que de fato está aqui?

– Apenas fazendo perguntas para ter um histórico.

– A sua identificação mostra que vem de Washington, D.C., e não de um escritório local em Ithaca. A temperatura aqui em casa é de 22°C porque sinto frio constante no inverno e o senhor não tirou sua jaqueta mesmo bebendo café quente. E o doutor McCaid morreu de ataque cardíaco, ou pelo menos foi o que tanto os jornais quanto o anúncio da BioMed disseram. Por isso, fico me perguntando por que um agente especial importado da capital da nação apareceu aqui e está gravando esta conversa sem me informar nem ter pedido a minha permissão enquanto faz perguntas sobre um homem que supostamente morreu de causas naturais, assim como meu noivo, morto há dois anos graças à diabetes que tinha desde os cinco anos.

O agente apoiou a caneca e os cotovelos na mesa. Não sorriu mais. Não fez mais de conta que jogava conversa fora. Não fez mais rodeios.

– Quero saber tudo sobre as últimas 24 horas de vida do seu noivo, especificamente de quando chegou em casa e o encontrou no chão do banheiro há dois anos. E, depois, veremos o que mais precisarei da senhora.

O agente especial Manfred saiu uma hora e vinte e seis minutos mais tarde.

Depois que fechou a porta da frente, Sarah passou a corrente no trinco e foi até a janela. Espiando pela cortina, observou o sedã cinza recuar na entrada da garagem, manobrar de ré na rua coberta de neve e se afastar. Queria ter certeza de que ele havia partido de verdade, embora, considerando-se o que o governo era capaz de fazer, qualquer privacidade que acreditava ter certamente era ilusória.

Voltando à cozinha, despejou o café frio dele na pia e ficou se perguntando se ele tomava mesmo aquele petróleo ou se já sabia que não beberia muito e então não quis desperdiçar seu açúcar e leite.

Acabou retornando à mesa, sentando-se na cadeira que ele ocupara, como se, de alguma forma, a ação fosse ajudá-la a adivinhar os pensamentos e conhecimentos dele. Como num interrogatório clássico, ele pouco revelara, apenas concedendo-lhe fragmentos de informações que provavam que ele sabia toda a história, que poderia pegá-la no pulo e saberia caso ela mentisse. Além desses poucos pontos factuais que ele apontava num tipo de mapa particular, porém, manteve sua topografia figurativa bem escondida.

Tudo o que ela lhe contou era verdade. Gerry sofria de diabetes tipo 1, e costumava lidar com sua condição bastante bem. Ele testava os níveis de insulina e a administrava com frequência, mas sua dieta poderia ter sido melhor, e as refeições, menos irregulares. Sua única falha, se é que se poderia referir dessa maneira, foi que ele não se dera ao trabalho de colocar uma bomba de insulina. Ele raramente se afastava do trabalho e não queria perder tempo “instalando” uma.

Como se seu corpo fosse uma casa que precisava de ar-condicionado ou algo semelhante.

Ainda assim, ele controlava os níveis glicêmicos bem o bastante. Claro, houve solavancos, e ela teve que ajudá-lo algumas vezes, mas, de modo geral, ele estivera no controle da condição.

Até aquela noite. Há quase dois anos.

Sarah fechou os olhos e reviveu a chegada em casa, com as sacolas de papel da comida indiana balançando nas alças finas em sua mão esquerda enquanto ela se esforçava para abrir a porta da frente com a chave. Tinha nevado e ela não quis colocar a sacola no chão, pois o pão de alho *naan* e o frango ao curry já haviam perdido alguns BTUS no trajeto ao longo da cidade. Ela mesma já estava acalorada e suada por ter ido à aula de *spinning*, que fazia todo sábado à tarde e para a qual desejava ter mais tempo durante a semana, mesmo nunca conseguindo sair do laboratório a tempo.

Eram seis e meia. Mais ou menos.

Lembrou-se de tê-lo chamado no andar de cima. Ele tinha ficado em casa para trabalhar porque era só o que ele fazia, e por mais que lhe parecesse ruim admitir agora que Gerry se fora, o foco constante dele no projeto com o doutor McCain começara a desgastá-la. Sempre compreendera a sua devoção à pesquisa, à ciência, à possibilidade de descoberta que, para ambos, sempre estivera ao alcance das mãos. Mas a vida devia ser mais do que fins de semana iguais aos dias úteis de segunda a sexta.

Chamou-o de novo ao entrar na cozinha. Ficou aborrecida por ele não ter respondido. Brava porque provavelmente nem sequer a ouvira. Triste porque ficariam, de novo, em casa, não por ser inverno em Ithaca, mas porque não tinham outros planos. Nenhum amigo. Nenhuma família. Nenhum hobby.

Nada de cinema. Nem de sair para jantar.

Nada de mãos dadas.

Nada de sexo, na verdade.

Nos últimos tempos, eles tinham se tornado apenas duas pessoas que haviam comprado um

imóvel juntas, um casal que, no início, seguiam a mesma trilha, mas que desde então andavam por caminhos divergentes, tornando-se paralelos sem nenhum cruzamento.

Faltavam quatro meses para o casamento, e ela se lembrava de ter pensado em “adiar” a data. Poderiam ter pisado no freio naquele momento e as pessoas ainda receberiam reembolso de passagens de avião e de reservas de hotel. Ithaca fora escolhida como local da cerimônia e da recepção porque Gerry não quis tirar uns dias para viajar para a Alemanha, onde vivia sua família, e já que os seus pais haviam morrido e ela não tinha irmãos, Sarah não tinha nada que a ligasse a Michigan, onde fora criada.

Apoiando as sacolas na bancada da cozinha, viu-se acometida por uma imobilidade profunda – tudo porque precisava de um belo banho. O banheiro deles ficava no andar de cima, junto à suíte máster e, para chegar lá, teria que passar pelo escritório dele. Ouvir as teclas do computador. Ver o brilho dos monitores refletindo imagens de moléculas. Sentir a frieza do isolamento que, de certa forma, era mais gélida que o clima do lado de fora da casa.

Naquela noite, Sarah alcançara a soleira da adaptação. Passara tantas vezes por aquele cômodo desde que se mudaram para lá. No começo, ele sempre olhava por cima do ombro quando ela subia as escadas e a chamava para mostrar algumas coisas, perguntar outras. O tempo foi passando, porém, e isso diminuindo para apenas um *olá* lançado por cima do ombro. E depois um grunhido. Em seguida, nenhuma resposta, mesmo quando ela o chamava logo atrás dele.

Em algum momento perto do Dia de Ação de Graças, ela se pegou subindo as escadas nas pontas dos pés a fim de não incomodá-lo, mesmo que fosse ridículo porque, quando concentrado, ele era imperturbável. Mas, se não fizesse barulho, ele não poderia ignorá-la, certo? E Sarah não se magoaria nem se desapontaria.

Não conseguia se ver na posição impensável e imperscrutável de questionar o relacionamento depois de quase cinco anos juntos.

Naquela noite, paralisada junto à bancada da cozinha, vira-se incapaz de enfrentar a realidade da sua profunda infelicidade... Contudo, já não conseguia mais negá-la. E esse dilema a prendera entre o desejo de subir e tomar um banho quente depois de ter se exercitado e o desejo de ficar onde estava e enfiar a cabeça na areia.

Porque se tivesse que passar por aquele escritório outra vez e ser ignorada? Teria que tomar alguma providência a respeito.

No fim, forçou-se a seguir para a escada, com uma banda martelando sua subida ao som de “não seja tola”.

A primeira pista de que havia algo errado foi a cadeira giratória vazia diante dos computadores. Além do mais, o cômodo estava escuro, embora isso não fosse tão estranho já que os monitores de Gerry ofereciam luz suficiente para ele navegar em meio à mobília esparsa. Mas ele não costumava se levantar com muita frequência.

Disse a si mesma que ele não estava onde deveria estar porque a natureza o chamara, e ela se ressentira de pronto por ele ter que fazer xixi: pois agora teria que interagir com ele no banheiro.

O que a obrigaria a enfiar suas emoções de volta na caixa do “não toque” com ainda mais empenho.

O agente especial Manfred imaginou a cena de morte com precisão. Ela encontrou o noivo sentado contra os azulejos da Jacuzzi embutida, com as pernas estendidas, as mãos crispadas sobre as coxas, a pulseira MedicAlert frouxa no pulso direito. A cabeça pendera para um lado e havia um frasco de insulina e uma agulha ao lado dele. Os cabelos, ou o que restara das mechas loiras que lembravam as do ex-tenista Boris Becker, estavam bagunçados, provavelmente por ele ter convulsionado, e havia baba na frente da sua camiseta do show do Dropkick Murphys.

Apressou-se. Agachou. Implorou, suplicou, mesmo depois de ter verificado a jugular e não encontrar a pulsação sob a pele fria.

Naquele momento de perda, ela perdoara todas as suas transgressões, a raiva desapareceu como se nunca tivesse existido, as frustrações e dúvidas desapareceram assim como a força vital dele.

Tinham ido para o Céu. Se é que havia um lugar assim.

Ligou para a emergência. A ambulância chegou. A morte foi confirmada.

O corpo foi levado, mas tudo ficou meio enevoado a partir desse ponto; não conseguia lembrar se foram os paramédicos, a funerária ou o médico-legista... Do mesmo modo que alguém que sofreu um ferimento na cabeça, ela sofreu amnésia sobre essa parte, sobre outras partes. No entanto, lembrava-se vividamente de ter telefonado para os pais dele, e ter se desmanchado em lágrimas no segundo em que ouviu a voz com sotaque da mãe. Chorou. Soluçou. Promessas dos pais de que embarcariam no voo transatlântico seguinte, juras por parte dela de que ficaria forte.

Ninguém para ligar do lado dela.

A causa da morte foi hipoglicemia. Choque de insulina.

Os pais de Gerry acabaram levando o corpo de volta a Hamburgo, na Alemanha, para ser enterrado no cemitério da família e, simples assim, Sarah foi deixada ali naquela casinha em Ithaca com pouquíssimos objetos para se lembrar dele, porque o noivo sempre fora o oposto de um acumulador e, além disso, os pais levaram a maior parte dos pertences dele embora. E, ah, a BioMed enviara um representante para levar as CPUs dos computadores daquele escritório em casa, deixando apenas os monitores.

Depois da morte, ela fechara a porta daquele cômodo e não reabriu por bem um ano e meio. Quando por fim se aventurou a passar por aquela soleira, rachaduras na armadura “tudo havia sido perdoado” apareceram no instante em que vira aquela mesa e aquela cadeira.

Voltara a fechar a porta.

Lembrar-se de Gerry como qualquer outra coisa que não um homem bom e trabalhador parecera-lhe traição. Ainda parecia.

Sarah já passara por essa remoldagem de caráter com os pais. Havia uma diferença de padrão para os vivos e os mortos. Os vivos apresentavam nuances, uma combinação de traços bons e ruins, portanto tinham todas as cores e eram tridimensionais, eram capazes de te desapontar e de te alegrar alternadamente. No entanto, depois que os entes queridos morrem, considerando-se que você de fato gostasse deles, ela descobriu que os desapontamentos somem e apenas o amor permanece.

Mesmo que seja pela força de vontade.

Concentrar-se em qualquer outro fator que não sejam os bons tempos, ainda mais em relação a Gerry, parecia-lhe simplesmente errado – ainda mais porque ela se culpava pela morte dele. No segundo encontro deles, Gerry lhe ensinou a identificar os sintomas do choque de insulina e a usar o kit de glucagon. Teve até que misturar a solução e injetá-la na coxa dele em três ocasiões diferentes enquanto estavam em Cambridge: no casamento do primo dele, Gunter, quando ele bebeu demais e não comeu. Depois quando ele tentou correr cinco quilômetros. E, por fim, quando tomou uma dose grande de insulina preparando-se para um jantar de Ação de Graças entre amigos e acabaram com um pneu furado em Storrow Drive.

Se não tivesse ficado parada diante da maldita comida indiana na cozinha, brava com ele, conseguiria tê-lo salvo? Havia um kit de glucagon na primeira gaveta junto à pia.

Se tivesse subido direto para tomar banho, teria chegado a tempo de ligar para a emergência?

As perguntas a assombravam porque sua resposta era sempre sim. Sim, ela teria revertido o

quadro de choque de insulina. Sim, ele ainda estaria vivo. Sim, ela era responsável pela morte dele porque o condenara por amar seu trabalho e por encontrar um propósito ao salvar a vida das pessoas.

Reabrindo os olhos, olhou para a bancada. Lembrava-se, depois que o corpo fora levado e a polícia e os paramédicos se foram, depois do telefonema para a Alemanha, que disse a si mesma para comer alguma coisa e se arrastou para a cozinha. O silêncio na casa era tão ressonante que o grito em sua mente pareceu ser o tipo de coisa que os vizinhos ouviriam.

Entrou na cozinha. Parou de pronto. Viu as duas sacolas de papel agora com comida completamente fria.

Seu primeiro pensamento foi que havia sido uma tolice preocupar-se em não deixá-las por uns segundos na neve enquanto abria a porta. A comida estava destinada a perder seu calor.

Assim como o corpo outrora vital de Gerry.

Choro renovado. Tremores. Pernas bambas que desabaram debaixo de si. Caíra no chão e chorara até a campainha tocar.

Seguranças da BioMed. Dois homens. Estavam ali para buscar os computadores.

Voltando ao presente, Sarah mudou a posição das pernas e olhou pelo arco da porta, ao longo da sala de estar, rumo à porta da frente.

Fora franca com o agente Manfred. Contara-lhe toda a história – bem, a não ser os episódios emocionais como a ligação para os pais de Gerry e o Colapso Nervoso com a Comida Indiana Fria.

E também a parte sobre se sentir responsável pela morte dele – e não só por não desejar partilhar detalhes íntimos de uma perda com um desconhecido. No fim das contas, não lhe pareceu inteligente mencionar a um agente federal que ela poderia ter desempenhado um papel, mesmo que não intencional, no assunto que levava Manfred a vir falar com ela.

A não ser por essas duas omissões, ambas não factuais, não escondera nada sobre a morte natural que tragicamente acontecera devido à diabetes tipo 1 depois de ele, sem dúvida, ter se atido ao seu esquema de insulina, esquecendo-se, no entanto, de comer o dia inteiro.

Uma maneira arrasadora, mas absolutamente comum, para alguém com a condição de Gerry morrer.

Franzindo o cenho, pensou nas declarações que deu a Manfred. Relatar a sucessão de eventos para o agente – aconteceu isto, depois disso e por fim aquilo – foi reviver a morte de Gerry do começo ao fim pela primeira vez. Nos dois anos de intervalo, tivera muitos flashbacks, mas foram não sequenciais, uma continuidade de imagens invasivas e discordantes liberadas por gatilhos imprevistos e impensáveis.

Mas, esta noite, foi a primeira vez que reviveu o filme de terror.

E era o motivo por que agora pensava, apesar de ter despendido horas demais ruminando a morte natural do noivo...

... como foi que a BioMed soube que deveria vir buscar os computadores antes de ela contar a qualquer pessoa da empresa que Gerry estava morto?

## CAPÍTULO 3

*Mansão da Irmandade da Adaga Negra  
Caldwell, Nova York*

NASCIDO EM UM TERMINAL DE ÔNIBUS. Abandonado para morrer. Resgatado do mundo humano por um golpe de sorte.

Se a vida de John Matthew exigisse que ele andasse com uma identidade, algum tipo de cartão laminado detalhando informações essenciais, essas seriam sua data de nascimento, altura e a cor dos olhos.

Também estaria escrito mudo e casado. O primeiro detalhe não importava muito para ele, visto que jamais soubera o que era falar. O segundo era tudo para ele.

Sem Xhex, nem mesmo a guerra seria importante.

Ao entrar no estúdio do Rei – aquele santuário azul-claro se adequava a Wrath e à Irmandade da Adaga Negra tanto quanto um vestido de baile num jacaré –, ele encontrou as quatro paredes e a mobília forrada em seda repleta de corpos imensos. Estavam todos ali esperando pelo Rei, aqueles machos superiores da raça, aqueles professores e sabichões, aqueles guerreiros e amantes.

Aquela era a sua família num nível tão essencial que ele sentia que deveria agregar um “de origem” a essa palavra iniciada com “F”.

No entanto, nem todos ali eram Irmãos. Ele e Blay lutavam lado a lado com eles na guerra contra a Sociedade Redutora, assim como Xcor e o Bando de Bastardos. Também havia trainees no campo de batalha, e fêmeas. E a equipe tinha um médico humano, pelo amor de Deus. E uma médica fantasma e um conselheiro que era o rei dos *symphatos*, e uma terapeuta retirada do contínuo espaço-tempo pela Virgem Escriba.

Esse era o vilarejo que brotara sob o antigo teto de Darius, todos eles morando juntos nessa montanha Adirondack, com o *mhis* a protegê-los de invasões, com o tempo passando marcado pelo objetivo comum de erradicar os *redutores* de Ômega.

Apertando-se entre Butch e V., ele foi direto para um lugar num dos cantos. Sempre ficava para trás, mesmo que ninguém tivesse pedido que ficasse nos fundos.

Apoiando-se na parede, ajustou as armas. Tinha um cinturão com um par de quarenta milímetros e seis cliques cheios ao redor do quadril. Debaixo de um braço, tinha uma faca de caça de lâmina longa e, do outro lado, uma corrente pendente sobre o ombro. Antes de ir para o campo de batalha, vestiria uma jaqueta de couro, a nova que Xhex lhe dera ou então a velha surrada pra caramba, e o acréscimo de vestimenta não se devia ao vento uivante do lado de fora.

Se havia uma lição que aprendera na guerra? Humanos eram como criancinhas. Se existia algo que poderia matá-los, eles correriam em linha reta para o evento letal como se a arma/faca/combate corpo a corpo os chamassem pelo nome com a promessa de café grátis na Starbucks.

Só havia uma regra na guerra. Um terreno em comum entre a Sociedade Redutora e os

vampiros. Uma única questão na qual os dois lados concordavam.

Nada de envolvimento humano – e não porque alguém se importasse com danos colaterais da espécie barulhenta e enxerida. O que nem Wrath, nem a Irmandade, tampouco Ômega queriam era atíçar a colmeia dos *Homo sapiens*. Os humanos eram inferiores de tantas maneiras: não eram tão fortes nem tão rápidos, tampouco viviam muito tempo – diabos, os *redutores* eram imortais a menos que esfaqueados de volta ao maldito mestre sombrio deles. Os humanos, no entanto, tinham um grande ponto a seu favor.

Estavam em toda parte.

Era algo que, na época em que imaginava ser um deles – ou, melhor dizendo, uma versão muda e esquelética deles –, John Matthew não notara. Mas, pensando bem, os humanos tendiam a acreditar que eram a única espécie no planeta.

De acordo com a visão míope deles, não existia mais ninguém que andasse em duas pernas, tivesse raciocínio hiperdedutivo, gerasse filhos *etc.* E as únicas criaturas com presas eram cães, tigres, leões e animais afins.

E todos queriam que continuasse assim.

Wrath entrou na sala e a conversa foi diminuindo para um sussurro conforme o Rei abria caminho até o trono, isto é, a única peça de mobília de tamanho adequado na qual ele podia se sentar. E apesar de John já estar – há quanto tempo mesmo? – perto desse macho, ele ainda se admirava. Claro, todos os Irmãos eram imensos, produtos do hoje extinto – graças a Deus – programa de procriação instituído pela Virgem Escriba.

Mas o Rei tinha algo a mais.

Cabelos pretos que ultrapassavam a linha dos quadris. Óculos escuros para esconder a cegueira. Calças de couro pretas e coturnos. Camiseta preta justa e sem mangas, apesar de ser janeiro e haver mais correntes de ar do que moradores na velha mansão.

Mais força naqueles músculos do que numa bola de demolição.

Tatuagens de sua linhagem subindo pela parte interna dos antebraços.

Ao seu lado, tal qual um professor de primeiro ano ao lado de um assassino em série, um golden retriever acompanhava os passos largos; o arreio fino de couro que os unia telegrafava todo tipo de comunicação, mas, acima de tudo, transmitia absoluta lealdade e amor de ambas as partes. George era o cão-guia de Wrath, mas também – não que alguém fosse mencionar, afinal quem é que quer ser apunhalado, certo? – era o cão apaziguador do Rei.

Wrath era uma criatura muito melhor com George por perto – o que significa dizer que provavelmente só se descontrolava e gritava com as pessoas duas ou três vezes por noite, em vez de dar vazão à voz estrondosa, à impaciência épica e ao estilo brutal de comunicação toda vez que abria a boca. Ainda assim, a despeito de sua natureza, ou talvez por causa dela, era absolutamente reverenciado, não apenas ali naquela casa, mas pela espécie como um todo. O Conselho já era, aquela organização governamental da *glymera*, os aristocratas que tentaram depô-lo. Assim como o direito de nascença ao trono. Agora, ele era eleito de maneira democrática, e sua liderança, mesmo que no melhor dos cenários um tanto ranzinza, e no pior, absolutamente aterrorizante, era impecável nesse período mais perigoso da guerra...

– Você, meu senhor, é um saco de pintos.

Lassiter, o anjo caído, interrompeu o silêncio com esse comentário singelo. Mas pelo menos não se dirigira a Wrath.

John Matthew se inclinou de lado para ver quem era o destinatário de tamanho elogio, mas havia ombros largos em excesso no caminho. Nesse meio-tempo, as pessoas dispararam uma sucessão de “cala essa maldita boca”, “o que há de errado com você”, “você bebeu”, assim como

“pelo menos são pintos” – esse último evidentemente vindo do acusado.

Lassiter se unira aos habitantes da mansão havia algum tempo, e imagine impressões indeléveis. O anjo de cabelos loiros e negros com calças legging de listras de zebra à la David Lee Roth e gosto questionável em programas televisivos adorava seu papel de anarquista contracorrente. John Matthew não se deixava enganar. Por baixo dos comentários lascivos e das maratonas de *Supergatas*, havia uma atenta vigilância sugerindo que ele sempre estava à espera de algo.

Algo da magnitude de uma bomba-H.

Wrath se acomodou no trono do pai, a madeira anciã aceitando seu peso sem nem um gemido.

– Um civil morreu ontem à noite nas ruas e não continuou assim. Exatamente como os outros. Hollywood estava lá. Rhage, conte como foi.

John ouviu o Irmão fazer um relato que não era nenhuma novidade. Por séculos, a guerra contra a Sociedade Redutora lançara vampiros contra os humanos pálidos e sem alma, que fediam a talco de bebê e seguiam as ordens de seu líder, Ômega. Não mais. Algo diferente vagava pelas noites, passando pelos becos do centro de Caldwell, atacando vampiros, mas não os humanos.

Sombras.

E não da variedade a que pertenciam Trez e iAm.

Essas novas entidades eram sombras literalmente e eram letais; atacavam e matavam mortais ao mesmo tempo que deixavam suas roupas intactas, as vítimas morriam e renasciam em outro plano de existência como se saídos de livros infantis sobre zumbis. A Irmandade, até o momento, encontrara as vítimas reanimadas antes que os humanos. Mas por quanto tempo teria essa sorte?

Ninguém queria o BuzzFeed cravando seus dentes virais em algo como “O apocalipse zumbi é real!”, nem o jornalista Anderson Cooper fazendo uma reportagem remota de um código postal cheio de cadáveres apodrecendo, mas com dentes afiados e prontos. Muito menos que houvesse manchetes da Guarda Nacional combatendo um exército de arrastadores de pernas.

Embora, conhecendo bem os humanos, talvez fosse bom para o turismo em Caldie.

Depois que Rhage terminou de partilhar os detalhes, os membros da Irmandade levantaram todo tipo de pergunta. *O que eram as sombras? Quantas foram? Eram novos soldados de Ômega?*

– Não acho que sejam – Butch respondeu. – Consigo pressentir esse tipo de merda, e não havia nada neles que me parecesse conhecido.

O ex-policia de Boston com sotaque de Fenway Park e que usava roupas Fendi/Prada saberia se houvesse uma ligação. Ele tinha Ômega *dentro* de si. Era o manifesto da Profecia do *Dhestroyer*. Era quem iria, um dia, segundo algumas pessoas diziam, pôr um fim à guerra.

Uma excelente fonte de informações, em suma.

Mais conversa, em seguida alguém se levantou e aproximou-se de John, embora ele estivesse tão absorto no assunto que não olhou para ver quem era.

No fim, o Rei encerrou a reunião. Quando o esquema dos plantões foi discutido, um aroma de primavera, não de inverno, chamou a atenção de John num ombro proverbial.

Foi Zsadist quem se aproximara dele. Não foi uma surpresa. O Irmão marcado por cicatrizes com um *modus operandi* silencioso também gostava de ficar afastado da multidão. E ele segurava... uma lembrança do passado.

O Irmão desembainhara uma das adagas negras de onde elas costumeiramente ficavam, com os cabos para baixo junto ao peito, e aproximara a lâmina afiada da casca de uma maçã verde. Dando voltas, as mãos largas e firmes tiraram a casca numa espiral, expondo as carnes brancas e

ácidas.

A imagem fez John se lembrar de outra maçã na qual aquela adaga fora aplicada com tamanha destreza.

Estavam no ônibus, indo para o centro de treinamento. John Matthew foi um pré-trans menor do que todos os outros garotos de seu grupo, um forasteiro lançado não apenas no programa, mas também no mundo dos vampiros, por causa da marca de nascença em seu peitoral esquerdo. Lash, o valentão da turma, estava lhe infernizando.

Algo que o filho da mãe fazia desde o primeiro dia de John na “escola”.

Isso foi antes de Blay e Qhuinn se tornarem seus melhores amigos. Antes de ele ter passado pela transição e surgido do outro lado, enorme, maior do que todos os que antes lhe foram maiores.

Isso foi antes de Wellsie, a única mãe que ele conhecera, ter sido assassinada.

Teve dificuldades enormes no treinamento, a princípio. Era mais fraco do que os demais, mais descoordenado, e por isso tão repellido e ridicularizado por todos, exceto por Blay e Qhuinn.

Mas uma maçã deu um jeito em tudo.

Algumas noites depois de sua entrada no programa, talvez apenas umas duas noites depois, mas que pareceram uma vida inteira, John Matthew entrou no ônibus, temendo o trajeto do centro de treinamento até sua casa por causa do tormento que lhe seria imposto. Pouco antes de as portas se fecharem, algo imenso e ameaçador subiu pelos degraus, o peso tão grande que inclinou a suspensão do veículo.

Zsadist era o Irmão que os trainees mais temiam. A cicatriz que descia do nariz distorcendo um dos lados da boca era assustadora, mas os olhos eram puro terror. Indiferente, imperturbável, irresistivelmente direto, o olhar do Irmão não só passava por você. Em vez disso, consumia tudo o que encarava, comendo-o vivo, apropriando-se de você e do seu futuro.

Era o olhar de um sobrevivente dos horrores, da tortura, da depravação, para quem não existiam crueldades desconhecidas.

Era o olhar de um assassino frio.

Quando Zsadist se sentou ao lado de John Matthew no ônibus e pegou a adaga negra, John concluíra que suas noites chegaram ao fim... mas o Irmão apenas descascou a maçã verde que tinha nas mãos.

Assim como fazia agora.

Na época, oferecera-lhe um pedaço. E pegara um para si. E mais outro para John. Até não restar nada além do miolo fino cercado por sementes marrons.

Uma mensagem clara de que John era protegido por pessoas que poderiam tornar a vida dos trainees babacas um verdadeiro inferno.

– ... e para tanto, teremos apenas a Irmandade.

John Matthew voltou a se concentrar no Rei, perguntando-se o que havia perdido.

Wrath afagou a cabeçorra loira de George.

– Não temos como saber que jogo Murhder está armando, portanto só quem é essencial estará presente.

Só os essenciais. Uau, essa doeu. Mas a verdade era essa mesmo.

Quando Zsadist pigarreou, John Matthew olhou para ele. Um pedaço de maçã esperava na ponta da lâmina negra, o pedacinho branco de doçura era uma tentação.

John Matthew assentiu em agradecimento e aceitou a oferta. Em seguida, todos começaram a sair, o que foi confuso até John perceber que Wrath sem dúvida marcara o encontro com o Irmão louco na Casa de Audiências. Fazia sentido. De jeito nenhum o Rei colocaria em risco as fêmeas,

as crianças e a criadagem da mansão convidando um canhão descontrolado para ir até ali.

Não havia motivos para abrir a porta da frente para a versão do Coringa de Heath Ledger.

Zsadist e John saíram do estúdio juntos, comendo a maçã assim como fizeram no ônibus, pegando um pedaço de cada vez. No alto da grande escadaria, acabaram com a fruta, deixando nada além do miolo cirurgicamente entalhado, fino como um graveto no meio das duas pontas.

Z. lhe deu o último pedaço.

Ao aceitar esse presente tão simples, tentou ignorar como era difícil ser diferente de todos os que o rodeavam. Não ter voz. Não ser um Irmão. Estar ali apenas por um golpe de sorte que poderia muito bem não tê-lo ligado a Tohr.

O que significava que ele teria morrido durante a transição sem o sangue de uma vampira para sustentá-lo durante a mudança.

Quando Zsadist acenou com a cabeça em despedida, John fez o mesmo, mas, em vez de ir pegar a jaqueta no quarto que partilhava com Xhex, avançou até a balaustrada e olhou para o vestibulo abaixo.

A mansão, cheia de graça e elegância, fora o sonho de Darius, seu pai, ou assim lhe contaram. O Irmão que morrera por conta de uma bomba no carro pouco antes de John conhecê-lo sempre desejou que o Rei e sua guarda de elite vivessem sob o mesmo teto, e construíra a imensa casa com esse propósito específico há mais de um século. O cenário como o do filme *Campo dos Sonhos*, entretanto, estivera vazio por muito mais tempo do que estava agora habitado.

A era de abandono fora um desperdício do magnífico palácio. O vestibulo era tão luxuoso que estava mais para o Império Russo do que para qualquer referência do século XXI norte-americano. Colunas, quer de malaquita, quer de mármore *claret* polido, floreios de gesso folheado a ouro, e cristais o suficiente para reluzirem como uma galáxia, John se lembrava de ter ficado paralisado quando entrou ali pela primeira vez. Para um garoto criado num orfanato – que em seguida teve todos os luxos de viver em um apartamento que estava mais para buraco enquanto trabalhava como lavador de pratos pensando em suicídio –, fora uma situação ao melhor estilo Daddy Warbucks.

Johnny, o Pequeno Órfão.

Abaixo, no belíssimo mosaico, os Irmãos cercavam Wrath com os imensos corpos carregados de agressão. Todos odiavam quando o Rei se expunha a riscos, e a necessidade que John sentia de se unir a eles, de proteger o último vampiro puro-sangue do planeta, de servir a um macho que respeitava com todo o seu ser, era tão forte que seus olhos arderam com lágrimas de frustração.

Recusou-se a deixar a emoção transparecer.

Isso era para maricas. Além do mais, quem diabos era ele para exigir ser nomeado Irmão? Escolheram Quinn por sua honra, e ele não via Blay reclamando de ser deixado fora dessa.

John tocou o lado esquerdo do peito. Através da camiseta justa sem mangas, sentia o contorno das cicatrizes que formavam o círculo em seu peitoral.

Todos os Irmãos tinham a mesma marca no mesmo lugar. Sempre deduzira que era uma marca de nascença, e foi por causa do estranho sinal em sua pele que ele foi levado ao centro de treinamento. Todos queriam saber como um pré-trans tinha uma.

Mais tarde, descobriu que os iniciados recebiam a marca como parte de uma cerimônia sagrada.

E, sentindo o coração doer, esfregou as cicatrizes desiguais e desejou não ser um forasteiro.

Graças a Deus por Xhex, pensou. Pelo menos, sabia que poderia conversar com ela sobre tudo isso, e que ela ouviria, sem julgar.

Afinal, não existiam segredos entre eles.

## CAPÍTULO 4

**AO SE REMATERIALIZAR DENTRO DOS LIMITES DE** Caldwell pela primeira vez em vinte anos, Murhder se viu diante de uma mansão de arquitetura federalista na parte nobre da cidade. Ele conhecia bem a casa, e não se surpreendeu por ser direcionado a esse endereço.

Darius era o proprietário do local e ali morava. O Irmão sempre apreciara belas coisas, e Murhder se hospedara no quarto do porão algumas vezes. Santa Virgem Escriba, parecia que fazia apenas uma semana, mas, ao mesmo tempo, uma vida inteira, desde que passara por aquela porta pela última vez, partilhara uma refeição com Darius e pernoitara no porão ou no quarto do andar superior com as camas de solteiro.

Saber quem o aguardava ali dentro o fazia se sentir como se tivesse perdido mais do que apenas o juízo. Perdera sua família.

Seria difícil enfrentar o olhar de Darius de novo. Um aspecto positivo da loucura é que você não lamenta tudo o que perdeu, pois fica ocupado demais tentando descobrir o que é real e o que não é.

Murhder se ordenou a sair da calçada. A atravessar a rua coberta de neve até a porta da frente. Bater para anunciar sua presença – embora os Irmãos certamente já o encarassem a essa altura. Não havia luzes acesas no interior, o que significava que os guerreiros poderiam estar enfileirados atrás de qualquer um daqueles pedaços de vidro e ninguém os veria nem saberia quantos eram, ou avaliaria sua artilharia. Ficou imaginando se alguns eram, estariam do lado de fora também. Tomariam o cuidado de não se colocar contra o vento para que ele não sentisse seu cheiro, e seriam tão silenciosos quanto a neve caindo na copa dos pinheiros se tivessem que mudar de posição.

Murhder não levava um casaco ou jaqueta, nem mesmo um suéter. Esse deslize, aliado ao fato de não possuir sequer uma parca, parecia um traço revelador da sua doença mental.

Mas não se esquecera de tudo. As três cartas estavam no bolso de trás das calças, e o envelope da FedEx com os documentos, enfiado embaixo de um braço. As primeiras eram a sua prioridade. Esse último esqueceu, e quase não voltou para buscá-lo. No entanto, o advogado de Wrath esperava por esses documentos e, conhecendo o Rei, não havia como deixar de fazê-lo.

E também não havia volta. Murhder pretendia obter o que precisava e então nunca mais os veria.

Preparando-se para descer da calçada, ele...

*A instalação biomédica era mais horizontal do que vertical e, de sua posição escondida na colina, Murhder decorou a planta dos edifícios de um único andar interconectados, com um prédio central do qual partiam as alas. Nenhuma janela, a não ser por aquela da entrada, e mesmo ali o vidro era escuro e minimalista. O estacionamento estava quase vazio, os poucos carros se aglomeravam perto da saída.*

Finalmente, *ele pensou*. Eu te encontrei.

*Não havia ninguém andando do lado de fora.*

*Na verdade, não havia nenhum lugar para andar ali fora.*

*A floresta circundando as instalações era densa, outra espécie de parede inquebrável, com os galhos entrelaçados dos pinheiros bloqueando qualquer acesso. Também havia uma cerca perimetral, a barreira de concreto tinha uns seis metros de altura, com espirais de arame farpado no alto e uma guarita que parecia equipada com vidros à prova de balas.*

*O que faria um humano que não tivesse as credenciais corretas? Não entraria na propriedade, muito menos no prédio.*

*Felizmente, ele tinha outras opções.*

*Fechou os olhos, concentrou-se em se acalmar, diminuindo a respiração do ritmo acelerado pré-ataque para algo mais tranquilo, compassado. Assim que conseguiu, desmaterializou-se, seguindo em frente na forma de moléculas dispersas. O ponto de entrada foi a ventilação do ar-condicionado sobre o teto plano de uma das alas, e em seu estado invisível, quase etéreo, penetrou com facilidade a tela de alumínio que cobria o tubo e prosseguiu pelos dutos.*

*A planta interior era-lhe desconhecida, o que tornava perigoso retomar sua forma. Caso escolhesse o ambiente errado para se materializar, poderia se ferir em lugares que não cresceriam novamente.*

*Mas não estava preocupado com sua segurança pessoal.*

*Ventilação. Mais dutos. Filtros pelos quais conseguiu passar porque não havia nenhum componente de aço neles.*

*Saiu pela caldeira de calefação, restabelecendo sua forma física num quarto escuro que cheirava a ar seco do deserto e a óleo de motor. No instante em que se tornou corpóreo, sua presença acionou uma luz sensível ao movimento e seus olhos arderam com o brilho intenso. Preparando-se para ouvir o alarme, empunhou uma das armas e se firmou sobre as coxas para o caso de alguém escancarar a porta diante de si.*

*Quando ninguém apareceu, olhou de relance para a caldeira industrial, inspirou fundo e se desmaterializou pela fenda fina debaixo da porta.*

*Voltando a se corporificar, viu que estava na sala de descanso. Dois homens da manutenção em uniformes verde-escuros estavam de costas para ele, ambos sentados a uma mesa, fumando e assistindo a uma partida de basquete numa tv em preto e branco.*

*– Com licença, cavalheiros – disse com segura.*

*Os humanos se sobressaltaram e viraram para trás. Antes que conseguissem pedir ajuda, Murhder alcançou suas mentes e os paralisou bem onde estavam. Depois escolheu o da direita e começou a abrir todas as tampas dos seus compartimentos mentais, espiando todo tipo de recordação.*

*Ok... Uau.*

*O cara traía a esposa e estava preocupado em ter contraído uma doença venérea da namorada. Sentia uma culpa imensa pela traição, mas não conseguia imaginar sua vida sem a outra mulher e estava obcecado em saber com quem mais ela vinha se deitando. Seria com o Charlie da engenharia...?*

*Não era nada do que Murhder estava procurando, mas o cérebro não era uma biblioteca cheia de livros. Não existia um sistema decimal de Dewey com um cartão correspondente para procurar no catálogo. As informações apareciam em ordem de importância para o indivíduo, não para o invasor temporário.*

*Passou para o cara da esquerda e acertou na loteria.*

*Esse acabara de ser promovido e estava ansioso para que a pausa obrigatória estabelecida pelo sindicato acabasse para poder voltar ao trabalho. Gostava de ter algum poder por ali.*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Irmandade da Adaga Negra #17) O Salva..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).